

Lu Alves Paixões: A Noiva judia

A noiva judia

I

Diante do Tejo há alguns carros parados. Faz noite. Num deles está Sara. É a única coisa que importa. Há um constante zumbido de carros a passar por cima da ponte mas ele não ouve nada. Sara olha em frente para um rio que não corre, enorme e escuro. Ele tem medo de olhar para Sara. O que ele sente é o medo. O que sente Sara nem Sara sabe. Não sabem o que lhes acontece, talvez por isso fiquem assim quietos.

A mão dele, de repente e sem ordem, encontra a mão dela e agarra-a. A mão dela é a única coisa que existe. Todo o mundo gira à volta dela. A mão de Sara procura a mão dele e agarra-a. Duas mãos fecham-se nelas próprias à procura uma da outra. O carro, o rio, a ponte onde os carros continuam a passar, a cidade que adormece devagar, são completamente indiferentes, podiam desfazer-se no vazio, ser abandonados pelo criador, que não importa. O que importa são as duas mãos agarradas à procura uma da outra, uma dentro da outra, uma fechada pela outra e depois aberta pela outra, a deixarem de ser mãos, transformando-se em pequenos seres com vida própria.

E depois, de repente e sem ordem, a boca dele à procura da boca de Sara, primeiro no ombro, depois no pescoço, depois, só depois, na cara. A boca dela no ombro, no pescoço, na cara, a mexer-se. O gosto da pele, a resistência dos dentes, a pressão dos lábios, a repente sedução do músculo da língua. Ele, de olhos muito fechados, a desco-

brir a boca de Sara, como se nunca tivesse beijado a boca de uma mulher, surpreendido que houvesse alguma coisa como uma boca, coisa imaginável, impossível.

Dentro de um carro parado junto ao rio, agarrados sem saber onde, sem saber do escuro, deles próprios esquecidos, abandonados, enlouquecidos, muito próximos de um precipício, muito agarrados.

E depois dentro de um quarto, sem ousarem acender qualquer luz, quase no escuro, o corpo de Sara sobre o dele, desacreditando de tudo. E depois a luz do sol que começou a vir muito devagarinho e caridosamente os iluminou e depois os separou, ele à porta de casa de Sara sem dizer uma só palavra, nem sequer de despedida, beijando-lhe com ternura as mãos.

Não, não é preciso que nada se repita, porque nada se repete.

II

Simão recordava:

a viagem mais rápida, de Friburgo a Lisboa, só a pensar em Sara. Sara que tinha dito que sim, que se casaria com ele se ele assim o queria, o desejava. Pelo telefone, a três mil quilómetros de distância, uma semana, uma só semana depois de se terem visto pela primeira vez. Não, não era pouco tempo, pouco era o tempo que restava. Uma pontada de dor só de pensar no tempo imenso em que tinham estado afastados, a injustiça de todas as coisas que tinham feito separados, a crueldade de terem esperado tanto tempo um pelo outro sem saberem um do outro, nem um sinal, nada. Sim, ela tinha dito que sim, primeiro a sorrir e depois comovida. Simão tinha ouvido tudo, todos os silêncios, muito agarrado ao telefone a três mil quilómetros de distância.

A viagem mais rápida. Simão parando só para pôr gasolina no carro, refrescar a cara — era Agosto —, comer qualquer coisa, beber água e mandar um postal a Sara, postais em que lhe dizia o seu amor premente e que ele sabia que iam chegar depois dele, mas isso pouco importava, talvez ele não chegasse, talvez morresse pelo caminho, o carro despistado numa curva à beira do rio que esse, tinha a certeza, ia chegar a Lisboa de qualquer maneira, mesmo que ele não chegasse.

A viagem mais rápida. Sempre acima dos limites de velocidade pelas estradas que Simão parecia saber de cor e fazia agora de olhos fechados, com os olhos a olhar para Sara. Simão com as janelas todas fechadas, o carro a arder pelas estradas desfeitas pelo sol da Andaluzia e Sara era a única miragem.

Simão que chegou sete horas mais cedo do que previsto e Sara não o esperava. Simão que teve de esperar essas sete horas deitado, sentindo-se endoidecer, desejando morrer, até Sara aparecer do nada à hora prevista. Sara com olhos como pombas, Sara absolutamente irreal, como se nada tivesse acontecido.

III

Simão recordava:

o dia em que ele se casara com Sara, dia de que nunca soube a data exacta, os dias confundidos, um dia de outono como os outros dias, só que era o dia em que ele ia casar com Sara.

Sara à frente dele, andando muito depressa pelas ruas estreitas e cheias de gente àquela hora da manhã no centro da cidade.

Ele procurando seguir Sara, lembrando-lhe como era costume os noivos chegarem atrasados, que se estavam atrasados era muito ou muito pouco tempo. Ela sem mesmo se virar, quase a correr, com o fato azul claro que tinha mandado fazer.

Ele seguindo Sara, sentindo no bolso esquerdo das calças as duas alianças de ouro, cada uma delas com o nome do outro, a dela encaixando perfeitamente dentro da dele, de tal modo que ficavam presas uma à outra. Sara e Simão e o dia do ano em que se casavam.

Ele muito enlevado a olhar para Sara, rápida e ágil como uma gazela, com os cabelos muito negros, com todos os caracóis que ele prometeu a si próprio contar naquela noite, tantos caracóis como os anos desde que havia luz e terra e quem a habitasse.

Ela cheia de pressa, pressa demais, quase empurrando as pessoas que cruzava, ele procurando atrasar-se o mais possível, mas sem perder de vista Sara, desejoso que todos aqueles momentos se estendessem sem passarem. Ela olhando em frente, abrindo o caminho. Ele atrás dela, olhando para ela, sentindo-se feliz. Ela como a fugir, ele como a persegui-la por entre aquelas ruas estreitas e cheias de gente àquela hora no meio da cidade. Gente que não ia nunca saber que aquele era o dia em que Simão se casava com Sara.

IV

Simão recordava:

ele a chegar a casa, assobiando sem saber o que assobiava, com vários livros debaixo de cada braço e alguns caíam já depois de ter conseguido tirar as chaves do bolso, ter tentado duas delas e ter por fim encontrado a

que entrava na ranhura da fechadura. Assobiando mais alto para dar sinal a Sara de que estava ali, entrando em casa, deixando a porta aberta, com os livros que ainda tinha debaixo dos braços, à espera de ouvir a voz mais desejada, a voz de Sara, como se tivesse medo de já não se lembrar dela, como se a voz dela nunca tivesse existido, não pudesse existir senão num sonho.

E ele de repente calado, seguindo pelo corredor até ao quarto onde encontrava Sara deitada, talvez adormecida, sem saber o que fazer, se devia acordá-la ou deixá-la dormir ainda. Voltando para trás para ir buscar os livros caídos e fechar a porta sem fazer barulho para depois voltar muito rápido para o quarto, para olhar o corpo de Sara estendido sobre a cama, abandonado, tal como o tinha deixado muito cedo, logo de manhã, antes das horas que passara alegre porque pensava em Sara e pensava que ia voltar para casa e que a casa não estava vazia, que Sara estava lá e que a beijaria.

Ele ganhando coragem para a acordar porque já não era cedo e podia-lhe fazer mal dormir tanto tempo. Ele a tocar-lhe muito ao de leve, a descobri-la, absolutamente feliz que ela estivesse ali, apesar de ela não estar à espera dele, já que continuava imóvel, talvez adormecida.

Sara a começar a acordar, piscando os olhos, começando a mostrar os seus olhos, que eram como pombas. E depois ela sorria e perguntava que horas eram, se já era tarde e ele dizia-lhe que não e ela espantada ao saber que horas eram, puxando-o para cima da cama, ele todo vestido, de gravata, ela nua por debaixo dos lençóis, quente. Ele beijando-a, agradecendo-lhe o ela estar ali, o ela existir. Ela sem dizer nada, com um sorriso nos lábios a pedir-lhe que a beijasse ainda, e ele beijava-a.

Sara de roupão azul escuro a beber o chá que ele tinha preparado, a comer devagar as torradas com manteiga e mel que ele tinha barrado, sentados os dois diante

da janela nua por onde entrava toda a luz. Ela a comer muito lentamente os pedaços de pêssego que ele tinha descascado e partido. Os dois a fumarem cada um o seu cigarro e os fumos dos dois a misturarem-se, azuis e cinzentos, sobre a mesa onde estavam os dois, banhados de luz. Ele absolutamente feliz, tão feliz que não lhe importava que esses momentos não durassem, que poderiam acabar de um momento para o outro, porque aqueles bastavam.

V

Simão recordava:

ele e Sara em Nova Iorque, o umbigo do mundo, no dia de Natal. Sara cheia de frio, a queixar-se do frio como se a culpa fosse dele, como se ele tivesse a obrigação de aquecer o ar, nem que fosse só o ar em redor de Sara. Se ele pudesse, ele o faria.

E o caminho de regresso ao hotel parecia não acabar, e não era possível parar para esperar por um autocarro porque Sara podia gelar e não passava táxi algum, quando nos outros dias passavam tantos táxis.

Ele sem saber o que fazer e Sara cada vez mais zangada. Sem saber se era com o vento frio ou com ele que ela estava assim, cada vez mais zangada. Sara com luvas, cada dedo de uma cor, como o arco-íris. Sara de cachecol com todas as cores do arco-íris. Sara com o corpo todo tapado por um sobretudo cinzento claro, maravilhosa Sara. Ele completamente apaixonado por Sara zangada com o vento e com ele por causa do vento e do frio. Porque ela o confundia na sua raiva ou com o ar gelado ou com um pequeno deus que deveria ter poder sobre o vento e o frio, e não tinha.

Por fim o táxi e o alívio dele quando Sara entrou no táxi onde esperou que Sara lhe pedisse desculpa, reconsiderasse já que ele não era o único responsável pelo frio que faz no Natal em Nova Iorque. Mas ela não pediu desculpa, ficou calada até chegarem frente à porta do hotel. E ele então soube que Sara nunca lhe iria pedir desculpa do que quer que fosse e ele sentiu-se assustado com o orgulho dela que lhe pareceu desmedido. Mais do que assustado, sentiu medo e nem sequer teve coragem para o dizer a Sara, esperando estar enganado, desejando mais do que tudo estar enganado.

Ele e Sara aguardando o elevador que nunca mais chegava. Sara sem olhar uma vez para ele. Ele olhando para Sara com os olhos mais tristes, para ela que era tudo para ele.

Sara entrando no quarto à frente dele, dirigindo-se de imediato para o quarto de banho. Ele ouvindo o barulho da água a cair na banheira, sozinho no quarto olhando os prédios enormes como se estivesse emigrado num planeta distante e se sentisse perdido. Ele procurando adivinhar pelos barulhos da água os movimentos de Sara, imaginando o corpo de Sara, o corpo amado, o corpo distante que ele via afastar-se cada vez mais.

Ele à espera de Sara que continuava dentro da banheira e ele sem ousar entrar no quarto de banho, sem ousar fazer nada, pensar o que quer que fosse, ouvindo os carros que via passar lá ao fundo. Ele olhando o céu muito claro no qual se recortavam os prédios que continuavam a não lhe parecer reais, agora recortes de papel num jogo para crianças. Ele que se sentia uma criança, sem saber o que fazer, abandonado numa cidade a que alguém tinha chamado Nova Iorque.

VI

Simão recordava:

Sara diante do espelho penteando os cabelos que eram longos e encaracolados. Diante do espelho grande que ela tinha trazido de casa da mãe, o único que havia em casa, a não ser um muito pequeno que estava pendurado numa parede da casa de banho e que Simão usava para fazer a barba.

O espelho que ela tinha posto no quarto onde dormiam, sobre uma mesa. Sara emoldurada no espelho de caixilho de madeira penteando longamente os cabelos muito escuros. Durante muito tempo, várias vezes ao dia.

Ele por vezes ainda detrado, por vezes no corredor, quando a porta do quarto tinha ficado aberta, por vezes logo ao entrar em casa, quando todas as portas estavam abertas, olhando, espreitando, louvando Sara diante do espelho. Sara e os seus cabelos, e os caracóis, os inúmeros caracóis do seu cabelo.

Ele sentado na borda da cama a olhar para Sara dentro do espelho e a ver-se a si próprio ao lado dela, como num retrato, espartado com a beleza dela, fixada por momentos num quadro vivo, o mais precioso de todos os quadros que ele tinha visto em todos os museus que tinha visitado e revisitado.

Ele muito impressionado com a beleza de Sara, beleza incompreensível, obra de um autor desconhecido, ou da natureza, ou de Deus e que só ele tinha o privilégio de poder contemplar sozinho, sentado na borda da cama, muito quieto, sem dizer uma só palavra, com receio que um gesto ou um som desfizessem para sempre a maravilha que era Sara e os seus cabelos.

Sara levantando-se de repente, dizendo-lhe que já podiam ir, que não era tarde e ele agradecendo-lhe o já

ser tão bela, ao que ela respondia sempre: bela aos teus olhos.

Ele beijando os olhos de Sara, as duas pombas, que ele sentia tremer debaixo dos seus lábios, também eles trementes, todo ele comovido.

Ele agarrando no braço de Sara, levando-a pelo corredor, muito orgulhoso de a ter ao seu lado, quase demasiado orgulho, quase vaidade dela que o seguia pelo corredor com o seu sorriso e lhe dizia que ele era um tonto.

VII

Simão recordava:

ele diante do espelho muito pequeno que estava no quarto de banho, a fazer a barba pela segunda vez, a olhar para o espelho para não olhar para Sara que tinha por fim chegado e estava ao seu lado.

Ele a perguntar-lhe com uma voz assustadoramente calma, uma voz emprestada para esconder a dor terrível que lhe doía no sítio mais sensível da alma, se tinha tudo corrido bem, se o avião tinha chegado sem atraso e ela a dizer-lhe que sim e ele sabendo que o avião nem sequer tinha partido, que o aeroporto estava encerrado por causa do nevoeiro, coisa em que ela nem sequer tinha reparado. Ele a perguntar-lhe de novo como se ela não o tivesse ouvido, apesar de estar ali mesmo ao seu lado, e ela a repetir que sim que não tinha havido problemas nem à chegada nem à partida e que o avião tinha voado em direcção a Roma para depois voltar para casa, para Jerusalém.

Ele continuando a fazer a barba, apesar de não ver nada a não ser uma mancha sem contornos que devia ser a sua cara, a dizer-lhe que não era possível, que o aeroporto estava encerrado por causa do nevoeiro, com a

mesma voz aparentemente calma, a tal voz emprestada. E depois o silêncio dela que durou muito tempo até por fim dizer que de facto não tinha ido trabalhar, que o Raul a tinha substituído, que ela se tinha sentido incapaz de trabalhar, que tinha ido para a cidade e se tinha metido num cinema para passar o tempo e não pensar nas dores de cabeça. Ele a perguntar-lhe que filme vira e ela a responder que tinha ido ver o mesmo que tinham visto os dois juntos na semana passada. Ele a saber que ela lhe estava a mentir, a ele que a adorava, sem conseguir perceber, com a dor a doer cada vez mais fundo no sítio mais sensível da alma.

Ela saindo do quarto de banho, deixando-o só diante do espelho onde ele não via senão uma mancha disforme que devia ser a sua cara coberta de lágrimas, esforçando-se por acreditar na mentira dela, sem conseguir, com a alma cortada e a cara a sangrar.

VIII

Simão recordava:

ele com sete dioptrias em cada um dos olhos, sem óculos, que tinha estupidamente partido de manhã ao limpá-los, e ela a dizer que tinha de sair, que tinha de ir ver o Fernando, porque ele devia estar triste e precisava de a ver. Ele a dizer-lhe que ela não o podia deixar assim, meio cego durante a noite, que também ele precisava dela, mais do que ninguém, que ela não podia partir assim.

Ela sentada na borda da cama onde ele estava deitado com os olhos fechados, a cabeça a doer, e ela a dizer que era muito difícil o sentir-se amada por dois homens e ele viu que devia ser um deles o que o fez rir. Ela então fútil com uma voz que ele teve dificuldade em reco-

nhecer como a dela, uma voz pavorosa, a dizer que então ela faria o que ele quisesse, que se ele quisesse ela ficava ali a olhá-lo deitado, mesmo a sorrir se ele assim o quisesse, que se ele quisesse ela ia fazer o jantar e ele que escolhesse o jantar, se ele quisesse, porque ela só existia para o servir, e que ele era o dono dela e que se ele quisesse que ela chorasse ela choraria o exacto número de lágrimas que ele ordenasse. Ela a dizer tudo isto.

Ela a levantar-se e a começar a arranjá-lhe-se diante do espelho para sair, apesar de tudo o que ele tinha dito e de tudo o que ela tinha dito. E então ele saltou da cama e agarrou-a nos braços com uma raiva que desconhecia. Ela a dizer-lhe que a largasse, que ele lhe estava a bater, que ia sair porque tinha medo dele, que ele lhe ia bater mais, que agora é que ia mesmo sair.

Ele de braços caídos, olhando para a névoa do chão, certo do prazer com que ela o via sofrer assim, estranho prazer, com que ela o ia deixar ali de pé sem os óculos, partidos. Ela não queria saber, ela que estava certa que dois homens a amavam, enquanto um deles molhava o chão de lágrimas. Ela era livre de fazer o que quisesse.

VIDA DE ADULTO
(1992)